

Tragédia passional no centro de Americana

Rodrigo Cezarin

Parecia mais uma tarde típica de quarta-feira. Sol a pino, calorção e aquela correria diária nas agências bancárias. Mas algo de extraordinário estava para atrapalhar a vida dos *office-boys*, clientes e usuários em geral da agência central do Banco do Brasil, em Americana. Um vigia do banco, contratado da empresa terceirizada Albatroz, aproveitou o horário do almoço para matar a ex-namorada e depois se suicidar.

Tudo começou por volta das 12h40, quando Rogério Carlos dos Santos, de 35 anos, acabara de voltar do almoço. Após vestir o uniforme para retornar ao trabalho, o vigia empunhou a arma e fingiu fazer uma brincadeira com um colega que estava terminando o turno. Logo depois, saiu pelos fundos da agência e dirigiu-se à escola de informática na rua Major Redher – paralela à 12 –, onde Margarete Valdilaine Poletti, 32 anos, namorada que há poucos dias terminara o relacionamento com Santos, trabalhava.

Horas após o crime, a edição online do jornal *O Liberal*, de Americana, publicava que Margarete era empresária – ou seja, dona da escola. Mas a edição impressa do próprio jornal – bem como os demais órgãos de imprensa que relataram a história – confirmaram que a mulher era secretária-recepcionista. Segundo o perito chefe do Instituto de Criminalística do município, Edvaldo Messias Barros, Margarete estava atrás do balcão da escola quando foi abordada pelo vigilante. Ou seja, ele não teve muito trabalho para encontrá-la.

Sem que a jovem tivesse chances de escapar, Santos efetuou quatro disparos à queima-roupa com o revólver calibre 38 que usava no trabalho. Um dos tiros ele errou, os outros três acertaram a cabeça, o peito e uma das mãos da mulher. A secretária foi socorrida pelos bombeiros e levada ao hospital municipal de Americana, mas não resistiu aos ferimentos e morreu minutos depois.

Rogério dos Santos voltou afoito para agência, mas até então ninguém entendia bem o que estava acontecendo. “Ele passou em frente à loja apressado, recarregando a arma, e eu ainda perguntei se tinha sido assalto. Ele disse que não, que não havia acontecido nada, e continuou a andar”, contou um comerciante em entrevista à Rádio Notícia, que disse conhecer o vigia da agência e ter se surpreendido com a atitude dele.

Foi um crime passional. “Um funcionário do banco comentou que o rapaz se dizia triste por ter sido deixado pela namorada”, contou o inspetor de segurança da empresa em que o homem trabalhava, Olívio Valério Corrêa, ao *Diário do Povo*.

Ao retornar à agência, sem falar com ninguém, Santos se dirigiu ao banheiro de uso exclusivo dos funcionários do banco e deu um tiro na boca. Um colega de trabalho, desconfiado, seguiu o vigilante e quando chegou ao banheiro o encontrou ensanguentado. “Chamei o gerente, mas ele já estava morto”, comentou a testemunha ao *Todo Dia* e ao *Liberal* sem se identificar.

Coração partido

Considerado pelos colegas uma pessoa tranqüila, Santos parecia não ter muita sorte no amor. Casado por duas vezes e pai de dois filhos, ele tentava, na semana anterior ao crime, se reconciliar com Margarete, a quem namorava há cerca de dois anos. No entanto, a mulher estava decidida a terminar a relação, alegando não suportar o ciúme doentio do companheiro. Ela havia registrado um boletim de ocorrência contra o vigia no Plantão Policial de Americana, relatando que ele vinha a ameaçando caso terminasse o romance. Mas a polícia pouco pôde fazer para evitar a tragédia.

Segundo o delegado do 1º Distrito Policial, Claudiney Albino Xavier, o crime foi premeditado. Para ele, o vigia deixou a agência com a intenção de matar a secretária. “Se ele não tivesse se suicidado, teria o álibi de estar trabalhando no momento do crime, porque nenhum funcionário percebeu a ausência dele, que não durou mais que alguns minutos”, enfatizou o delegado ao *Todo Dia*. No entanto, o remorso do criminoso foi maior.

A Assessoria de Imprensa do Banco do Brasil informou que a direção da agência não iria se manifestar sobre o ocorrido, por tratar-se de um “assunto particular”. Momentos depois do crime, o atendimento ao público foi normalizado e a cenário agitado do centro de Americana voltou a ser apenas de consumidores e veículos.

A vida volta ao normal. As pessoas se esquecem. A imprensa relata o fato, mas não conta a história. Como diria Chico Buarque, “ninguém notou, ninguém morou na dor que era o seu mal. A dor da gente não sai no jornal”.